

G. L. STEER

A árvore de Gernika

Um estudo de campo da guerra moderna

Tradução

Claudio Alves Marcondes

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © G. L. Steer, 1938

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Tree of Gernika: A Field Study of Modern War

Créditos das imagens

pp. 6 e 7 © Robert Capa/ ICP/ Magnum Photos/ Latinstock

p. 8 © Indalecio Ojanguren/ GureGipuzkoa

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de quarta capa

© Succession Pablo Picasso/ AUTVIS, Brasil, 2017

Preparação

Lígia Azevedo

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Steer, G. L., 1909-1944.

A árvore de Gernika : Um estudo de campo da guerra moderna / G. L. Steer; tradução Claudio Alves Marcondes. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: The Tree of Gernika : A Field Study of Modern War.

ISBN 978-85-359-2849-5

1. Espanha – História – Guerra Civil, 1936-1939 2. País Basco (Espanha) – História I. Título.

16-08955

CDD-946.08

Índices para catálogo sistemático:

1. Espanha : Guerra Civil, 1936-1939 : História	946.08
2. Guerra Civil Espanhola : História	946.08

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Introdução</i>	11
A ÁRVORE DE GERNIKA:	
UM ESTUDO DE CAMPO DA GUERRA MODERNA	17
<i>Posfácio — Nicholas Rankin</i>	499
<i>Índice onomástico</i>	515

Introdução

Os bascos, cuja supressão é o tema deste livro, são uma raça de indivíduos religiosos, que apreciam um bom copo e abominam a blasfêmia, e vivem no montanhoso litoral sudeste da baía de Biscaia. Eles são arraigadamente náuticos; balançam e pescam na baía sem jamais enjoar. Graças a eles o princípio da liberdade nos mares foi originalmente estabelecido, em um tratado naval firmado em 1351 com Eduardo III da Inglaterra.

As províncias bascas de Biscaia e Guipúzcoa estão entre as mais ricas e são de longe as mais progressistas da Espanha. Espanha? Poucas coisas tiram tanto a calma do basco quanto a sugestão de que é espanhol. Para ele, mais vale ser chamado de ibérico, um termo que quase transmite a ideia dessa antiguidade e desse crepúsculo peninsular nos quais reconhece sua origem: muito fria, cingida de rochas, em vales glaciais escalavrados, remota, pré-mediterrânica, em meio às pedras. *Ao contrário de todos os outros povos da Europa Ocidental, o basco nunca passou pela etapa feudal.* Sempre foi dono de sua terra, e jamais conviveu com uma classe de despossuídos, seja de escravos, seja de vilãos. Sempre foi

membro de uma democracia plena, na qual todo homem vota. Portanto, não faz sentido o conflito de classe, a ideia de um capitalismo agressivo ou de um proletariado agressivo. Sua civilização é antiga demais para que dê conta do choque de interesses ocasionado pelo feudalismo que jamais conheceu. Tão antiga é ela que os termos para “faca”, “arado” e “machado” ainda derivam da raiz basca *aiz*, que significa “pedra”; tão apegado à terra são os bascos que seus sobrenomes ainda significam Encosta, Vale Quente, Macieira, Ameixa Nova, Rocha e Corredeira. A língua e o povo, assim como as leis democráticas e igualitárias, têm sua origem em alguma montanha enevoadas e intocadas pelo empenho atrofiante da nossa ciência nova. E por que deveria o mundo moderno, tão interessado em distinguir arianos de não arianos e na evidente supremacia de romanos sobre negros, dar-se ao trabalho de explorar um berço de civilização assim insignificante e estranho? O que tem o basco a ver com o progresso?

Nada que valha a pena, evidentemente. No mundo moderno, o basco só representa a liberdade entre as classes, o companheirismo e a sinceridade, o humanitarismo em tempos de guerra, a relutância em defender qualquer doutrina extremista e violenta; a confiança em si, a tenacidade, a retidão e a simplicidade, o enfado com a autopublicidade e a sinceridade absoluta diante do inimigo. Naturalmente metódico, o basco não se adapta a nenhum esquema de ordem mais elaborado. De físico robusto e gracioso, pouca consciência ele tem da própria força e beleza.

Nenhuma dessas qualidades vale grande coisa no século xx, e a pior delas é a liberdade. Por esta o basco lutou — e foi derrotado. Lutou em condições de grande inferioridade. E embora hoje esteja mais na moda cortejar o outro lado, creio que o homem comum — ao ler este relato — verá, mapeada nas verdejantes montanhas recobertas de pinheiros entre Ochandiano e Bilbao, Irún e San Sebastián, o campo de batalha como majestoso protó-

tipo de seu próprio combate em prol da liberdade. Talvez ele tenha a esperança, como eu, de que seja mais bem-sucedido; mas de maneira nenhuma pode ter a expectativa de que seja menos honrado.

Tal como o homem comum, o basco lutou contra ambos os extremos. Não lhe convinha ser arregimentado de um modo ou de outro. Estava perfeitamente feliz, e queria apenas viver em paz. As forças modernas de sistematização, as saudações e os slogans despropositados, e a disciplina partidária o assediaram por todos os lados. De tudo isso tentou se libertar.

O âmago da sua resistência nessa luta foi a grande diferença que o separava daqueles que o atacavam e o solapavam: a língua antiquíssima, de raízes singulares na pré-história, as práticas de posse fundiária e de governo local, as canções melancólicas e os esportes homéricos, a simplicidade contra os ardis da Espanha.

Os bascos são diligentes, ao passo que os espanhóis são indolentes. Os bascos são todos pequenos proprietários rurais, enquanto os espanhóis querem todos ser fidalgos. Para os espanhóis, os bascos são brutos e *bestias*; e, para estes, os espanhóis são intrigantes, desonestos e parasitas políticos, que vivem do trabalho alheio, e sempre arrumam maneira de não saldar suas contas antes da bancarrota. Essas diferenças locais eram os pontos de discórdia visíveis para os bascos; na realidade, porém, a investida espanhola contra eles representou algo menos paroquial e costumeiro. Ocorreu à guisa de um fascismo militar externo, e de uma pressão proletária interna. De um modo ou de outro, foi um ataque contra as liberdades bascas, e o organismo basco resistiu o quanto pôde antes de desmoronar.

Nesse conflito, o basco lutou a favor da tolerância e da livre discussão, da cortesia e da igualdade. Este livro conta como foi derrotado. Foi uma tragédia de cariz demasiado humano: o da destruição do homem por um sistema, do espírito pela rotina.

Tive a oportunidade de observar os bascos combatendo em quatro momentos: de agosto a setembro de 1936, na fronteira franco-espanhola; durante janeiro de 1937, em Bilbao; na derradeira e feroz ofensiva de Mola, nos meses de abril, maio e junho, de que trato extensamente neste livro; e, por fim, em agosto de 1937, pouco antes de serem forçados a se render. Foi nesses meses que as ideias estrangeiras e seus instrumentos recaíram com mais força sobre os bascos e acabaram por destruí-los.

Ao longo desse ano, durante o qual os bascos existiram como povo semiautônomo, é possível rastrear o desenvolvimento das forças mobilizadas contra eles — desde seus primórdios como sublevação espanhola regional e classista até desembocar em uma ditadura militar fascista. Pois também entre seus inimigos o elemento moderado e o natural foram aos poucos se extinguindo; seus inimigos, que em agosto investiram contra eles, jubilosos com boinas vermelhas e fuzis adornados com as flores da montanhosa província setentrional de Navarra, agora avançavam pouco a pouco, arrastando-se sob as esquadrilhas aéreas da Alemanha e da Itália, diante do fogo da artilharia desses países, e flanqueados à direita e à esquerda por tropas italianas. Um comando internacional os impelia para diante, e no centro, perdidos em meio ao embate dos sistemas, estavam as últimas brigadas restantes de Navarra — agora envergando capacetes de aço fabricados no estrangeiro.

A imensa maioria das coisas descritas neste livro foi testemunhada por mim. Em agosto e setembro, como mostra o livro, desfrutei de uma perspectiva muito íntima da guerra: tive a visão de um árbitro. Durante a grande ofensiva final, de abril a junho, as autoridades bascas em Bilbao permitiram-me total liberdade de movimento e manobra em seu território. Podia visitar sem impedimento ou escolta qualquer trecho da frente de combate, em qualquer ocasião. A outros jornalistas foram concedidas as

mesmas facilidades: o fato de que não as tenham aproveitado tanto quanto eu não se deve a uma falha deles, pois tinham mais a perder do que eu na linha de fogo.

Na parte final desta narrativa, uma vez que é quase toda em primeira mão, emprego os termos “nós” e “nosso” para me referir aos bascos. Faço isso porque vim a conhecer bem a milícia basca, e por ser um recurso jornalístico usual, quando estava na Espanha, referir-se de tal modo ao lado no qual se estava trabalhando. Do uso desses termos não se deve inferir que participei de algum modo do conflito. Tampouco que, devido à minha simpatia pelo povo basco, esmagado como muitos de nós entre os dois extremos, eu fosse incapaz de detectar suas deficiências, os movimentos tantas vezes reumáticos de suas tropas, a teimosia e a ocasional relutância em cooperar, a extraordinária inépcia para organizar a retaguarda de maneira adequada a absorver os choques psicológicos da guerra. Por outro lado, este livro está repleto de uma “crítica rasteira”, da espécie oxfordiana mais abominável. É até possível que seja banido pelos bascos assim que retornarem a Bilbao.

Mas não creio que cheguem a tal ponto. Sempre enfrentaram a crítica livre e ecoaram o riso alheio, mesmo quando este se fazia à custa deles. Por isso, mesmo eu, que tanto os aprecio, lamento que os bascos tenham se eclipsado de modo tão intempestivo, e espero pela ressurreição dessa que é a mais antiga e honesta democracia da Europa.

A ÁRVORE DE GERNIKA:
UM ESTUDO DE CAMPO DA GUERRA MODERNA

1.

No norte da Espanha, algo parecido com estabilidade reinava desde o início da revolta.

As províncias bascas de Guipúzcoa (capital San Sebastián) e Biscaia (capital Bilbao) haviam se declarado a favor do governo, que prometeu autonomia para os bascos: o sonho dessa raça de pescadores, com suas elegantes boinas e calças azuis listradas, era restaurar a antiga República basca — sem classes, rude e endinheirada — sob a copa do carvalho tribal em Gernika. Católicos até o último homem — mas não até a última mulher, como em outras regiões da Espanha —, mesmo assim prezavam de tal modo sua liberdade diante da tradição classista e excessivamente retórica de Castela que estavam dispostos a entrar em acordo com a agnóstica Madri. O Estatuto! Essa era a conclusão divina de suas coalizões. O Estatuto; a língua basca, tão amarfanhada e antiga como o carvalho sempre verdejante; como a vida rústica livre; como os impostos e tributos próprios: eles não queriam nada mais que isso, e nada mais profundamente.

No princípio tudo correu bem. Em Biscaia e no grande por-

to de Bilbao, não houve resistência à República. Em San Sebastián, a revolta, mal improvisada, surpreendida pelo súbito levante de Mola, logo foi contida.

No entanto, quão pequena era a distância entre a revolta e o triunfo em San Sebastián.

Você conheceu San Sebastián no verão, sob a República? Quando a Espanha era dominada pelos Habsburgo-Bourbon, ali era o balneário mais elegante da península. As famílias mais ricas da Espanha tinham mansões em Zarauz. Afonso XIII, após breve estadia por Santander, costumava passar agosto e setembro no palácio de verão de Miramar, acima da majestosa Concha, cujas areias reluzentes cobriam-se de barracas e para-sóis listrados de centenas de veranistas da classe média. Estes, com os olhos sonolentos pousados no plácido oceano acentuado pelo *aigu* ou *grave* das brancas velas enfunadas pelo vento de uma centena de iates, inflavam-se tão suavemente quanto os nativos com o prazer contemplativo do verão, quando descansa a porção da Europa dotada de meios para tanto.

Primo de Rivera proibira as mesas de jogo e, para jogar ou desfrutar de um clube noturno, era preciso cruzar a fronteira até o lado francês. Mas as diversões vegetativas mais simples continuavam a atrair muitos espanhóis a San Sebastián: as festas no Club Nautico, as danças ao crepúsculo aveludado na praça em Zarauz, onde os pescadores tratavam informalmente a aristocracia desde a infância e participavam de suas danças, atraídos pelo brilho da beleza dessas feições, dessas formas e desses movimentos. Pois a aristocracia espanhola, com todas as suas falhas, era de uma elegância superior a todas as outras.

A República herdou o legado de San Sebastián; o tímido presidente Alcalá de Zamora costumava veranejar no Miramar na companhia tranquilizante de setecentos *guardias de asalto*. Nas festividades, cada vez mais predominava o elemento republicano

burguês na capital de Guipúzcoa. A Concha ficava apinhada: menos barracas, maior circulação de pés com chinelos baratos. Na Perla, mais bailes e mais concursos de beleza: Miss Avila, Miss Santander, Miss Dax, Miss Biarritz eram, cada uma por sua vez, aclamadas por loiras republicanas concorrentes com maiô de corte mais ousado e voz um pouco mais estridente do que antes. As autoridades municipais instalaram potentes alto-falantes em toda a praia, mesmo acima da seleta angra do Ambassadors (em cujas águas, nos dias mais límpidos, notavam-se os canos da prisão emergindo logo atrás). De modo alternado, os alto-falantes atroavam músicas dançantes e martelavam anúncios publicitários na consciência democrática. No mar, as beldades gritavam excitadas quando a água fria nova elevava-se perigosamente acima da virilha. O extraordinário alarido ecoava nos céus, onde pequenos aviões sobrevoavam frenéticos a praia de San Sebastián, lançando reclames coloridos e, mais raramente, uma das capas de chuva locais como brinde. Crianças e homens adultos, berrando em uníssono, em desabalada carreira, disputavam afoitos os valiosos pacotes. Os sossegados presidentes monarquistas do Aero Club e do Club Nautico foram substituídos por bascos mais notavelmente associados ao regime.

Para resumir, San Sebastián tornava-se no verão magnificamente vulgar; a gritaria era espantosa, e o gosto, diligentemente democrático. As jovens se vestiam como suas estrelas de cinema prediletas e, quanto mais aéreas, mais doces. Como as crianças estavam sempre se perdendo na praia, os pais aproveitavam ao máximo a oportunidade de berrar nome e descrição pelos alto-falantes.

Os bascos estavam contentes: isso conferia um ar de modernidade a San Sebastián, fazia desta a *plage* das classes liberadas, enriquecidas e de repente confrontadas com a Necessidade de Férias pela revolução de 1931. Os partidários da antiga Corte ainda

frequentavam a costa, pois não podiam abandonar ali suas propriedades, mas os bascos, em sua dureza e rigidez, consideravam efeminada essa gente menos rica, mas ainda titulada e bela. Era a gente agradável e ruidosa que lhes ia conceder o Estatuto.

Ombro a ombro, continuaram a rebater bolas nas quadras de pelota, a beber o vinho rústico e a transpirá-lo em exercícios físicos, esperando que o Estatuto chegasse um dia, que caísse do céu como as capas de chuva gratuitas.

Quando, por vingança, Calvo Sotelo foi assassinado pelos agentes secretos da República, seus amigos — e havia muitos deles descansando tranquilamente à beira-mar — assistiram a uma cerimônia em sua homenagem em San Sebastián. Que acabou dispersada pela polícia.

Quando Mola anunciou o levante em Pamplona, o comandante da guarnição no Quartel Loyola, nos arredores de San Sebastián, também reuniu os oficiais e proclamou a lei marcial. E fez disso uma extraordinária confusão espanhola. Pois, antes de tudo, alertou o governador civil do passo que pretendia dar, e ele armou a população civil para a defesa do governo.

Muitos partidários da direita até então mantinham a discricção em San Sebastián, e aderiram com armas aos conspiradores no Hotel María Cristina — o mais elegante da cidade —, no velho Club Nautico e no Casino. Mas não eram em número suficiente para defender esses edifícios dispersos.

Tivessem sido mais ousados e saído às ruas, os soldados teriam tomado San Sebastián no primeiro dia da revolta. A despeito de suas armas, todos entraram em pânico. Ninguém, com exceção dos extremistas, foi capaz de se organizar: os bascos, por mais que desprezem Castela, são um povo de escassa presença de espírito. Bandeiras brancas ergueram-se por todos os lados. Os veranistas estavam convencidos — não apenas naquele momento, mas nos dias seguintes — de que outros rebeldes se congregavam aos milhares nas colinas.

Ao contrário de Queipo de Llano em Sevilha, em San Sebastián os líderes da revolta não souberam aproveitar a consternação pública. Permaneceram em seus prédios, perguntando-se o que fariam a seguir.

As bandeiras brancas, às quais ninguém parecia dar importância, foram vergonhosamente removidas. O povo ficou agressivo. Um jornal chamado *Frente Popular* foi fundado, e o comitê representante da coalizão assumiu a administração de San Sebastián, com alto-falantes e tudo. No rádio, vozes ordenavam rispidamente aos rebeldes que cedessem. Barricadas tomaram o lugar das bandeiras brancas.

Era uma questão de dias fazer com que os amotinados abandonassem o María Cristina e o Club Nautico, esfomeados. O avião de propaganda, naturalmente propenso a inverdades, sobrevoou o Quartel Loyola, derramando panfletos: “Rendam-se e serão poupados”. No dia 30 de julho, o coronel Carrasco e vinte outros oficiais que haviam liderado a revolta no quartel, após se entregarem, foram poupados... de outras indignidades ao serem encostados a um muro e fuzilados.

É nisso que dá querer tomar um quartel.

Então a Frente Popular em San Sebastián recobrou o ânimo e deu início à busca dos suspeitos, casa por casa. Armas foram distribuídas a cidadãos considerados confiáveis. Os bascos do interior, como os moradores do vilarejo de Azpeitia nas colinas ao sul, ainda não eram merecedores dessa confiança. A base da milícia era claramente urbana e proletária, e não nacionalista basca, e é a isso que atribuo seu fracasso em Guipúzcoa.

Claro que, nessa altura, ainda não havia nem sombra desse fracasso. Jubilosos, apropriaram-se de todos os luxuosos automóveis da aristocracia visitante, neles assinalaram enormes letras

UHP (*Unidos Hermanos Proletarios*) e os pintaram conforme as cores dos partidos — vermelho para os socialistas ou comunistas, vermelho e preto para os anarquistas, e a bela cruz escarlate e verde para os nacionalistas bascos. Com os novos brinquedos, corriam de um lado para o outro. Começou então um magnífico feriado para todas as classes, exceto para os direitistas de Castela.

Pouquíssimos levavam a sério a rebelião, mesmo quando o suprimento de água de San Sebastián foi cortado nas montanhas de Pamplona.

Raros faziam ideia do que era a guerra moderna — não fazia diferença, pois nunca a experimentariam —, ou do que poderia ser um combate comum, com fuzis e metralhadoras, em suas próprias colinas. Eles tinham de ser ensinados até mesmo a disparar com os fuzis. Para eles, a vida era uma longa tarde cálida no Hyde Park, e sem a censura moral do policial londrino. Amantes uniformizados de macacão ocupavam todas as trincheiras. Preservativos, por tanto tempo impedidos pela Igreja de fazer parte do arsenal dos pobres, agora eram encontrados por todos os milicianos. De repente, a eugenia foi alçada a um lugar de honra entre os ramos da ciência militar proletária.

É esclarecedor notar o quanto a técnica deles fora moldada pelo cinema: pelos velhos e bons faroestes, e não pelas cenas em primeiro plano de uma classe efeminada. Enquanto, para os espanhóis, a casquete com borla no topo era o quepe militar mais natural, eles preferiam um chapéu desabado, que dava um ar mais despreocupado. Mesmo quando tinham de lutar em campo aberto, mantinham os flamejantes lenços rubros e combatiam com um cigarro na boca. As *canadianas*, porém, eram o traje de combate mais popular em Guipúzcoa.

Uma canadiana é uma espécie de jaqueta de lã xadrez, que os espanhóis supõem que os peões do Velho Oeste usam ao juntar o gado e ao assediar desesperadamente a filha do xerife. Todos os principais oficiais da Frente Popular usavam canadianas.

Os revólveres, as mais dramáticas e inúteis de todas as armas, eram vistos pendurados no cinto de toda a hierarquia militar.

O comitê de San Sebastián, que logo estabeleceu contato com o de Irún, tentou impor a essa nova massa de feriado um mínimo de ordem militar.

Desde o início, aparentemente, surgiu o consenso de que não havia como levar adiante uma invasão da província vizinha, Navarra. Guipúzcoa deveria se concentrar em sua defesa e aguardar a arremetida de Navarra.

Uma guerra fratricida: seria assim a luta entre Guipúzcoa e Navarra. Uma guerra entre irmãos, travada com o mesmo afeto como aquela entre Caim e Abel. Pois os navarreses também são bascos.

Suponho que, devido ao fato de estarem voltados para o interior e para Castela, e não na direção do mar e dos peixes, os navarreses acabaram por abandonar a língua e os costumes bascos, com exceção da teimosia. Mas a diferença entre as duas raças fraternas é tão assombrosa que tal motivo parece antes uma desculpa esfarrapada. Não só eles não têm nenhuma ambição regional a satisfazer com a aprovação de um Estatuto, como os campouzes de Navarra positivamente odeiam aqueles que manifestam tal ambição, como seus irmãos guipuzcoanos.

Com tanto fanatismo quanto o dos bascos de Biscaia que almejam uma Espanha federalista, os navarreses jamais ficarão contentes até que a península volte a ser a monarquia absoluta centralizada que foi sob os reis católicos. O amigo das províncias marítimas, o governo da Frente Popular, era o principal demônio para Navarra.

Entusiasmaticamente católicas, as formações de *requetés* de Navarra haviam se adornado não só com a engomada boina escarla-